

ECO-HISTÓRIA: CONHECER, REFLETIR E INTERVIR¹

Cid Morais Silveira²

Telma Bessa Sales³

RESUMO: O presente estudo é sobre narrativas que retratam memórias de moradores de um bairro da cidade de Sobral, no Nordeste do Brasil. Este bairro localizado no Parque Ecológico Lagoa da Fazenda tem uma variedade de características físicas e naturais e beleza cênica, que o torna uma das atrações turísticas da cidade. Os moradores sofrem as transformações na área urbana, que tem um crescimento acelerado e desorganizado. Esta expansão levou a uma série de mudanças adversas no ambiente, causando um grande impacto sobre os recursos naturais, modificando a vida dos moradores sendo possível notar a pobreza, o desemprego, a violência, e a concentração da riqueza e a desigualdade social na região. Nesta pesquisa as vozes dos moradores são valorizadas e as memórias ressignificadas com o olhar do tempo presente, contemplando revoltas, utopias, sonhos, alegrias. Momentos articulados da vida cotidiana, as lutas sociais, dando visibilidade às diferentes histórias dos moradores no sentido de reforçar as relações democráticas na cidade de Sobral. Esta pesquisa também reforça o diálogo interdisciplinar entre a história e o ambiente! A pesquisa é baseada em história social, e a metodologia de história oral, que fornece uma análise das narrativas de populares. Os significados de suas histórias proporcionam debates, diálogo com a teoria e com outras fontes, tais como jornais e fotografias.

PALAVRAS-CHAVE: História-Natureza-Memória

ABSTRACT: This study is about narratives that depict memories of residents of a neighborhood in the city of Sobral, in northeastern Brazil. This neighborhood is located in the Farm Pond Ecological Park has a variety of physical and natural features and scenic beauty, which makes it one of the tourist attractions of the city . Residents suffer transformations in the urban area, which has a rapid and disorganized growth. This expansion led to a series of adverse changes in the environment, causing a major impact on natural resources, changing the lives of residents and you can notice the poverty, unemployment, violence, and the concentration of wealth and social inequality in the region. In this research the voices of residents are valued and memories resignified with the look of this time, contemplating revolt, utopias, dreams, joys. Articulated moments of everyday life, social struggles, giving visibility to the different stories of residents to strengthen democratic relations in the city of Sobral. This research also reinforces the interdisciplinary dialogue between history and the environment! The research is based on social history, and oral history methodology, which provides an analysis of the

¹ Trabalho desenvolvido durante reuniões e ações de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Oral, certificado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

² Graduando em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq, entre 2011 e 2014. Email: cidhistoria@gmail.com

³ Doutora em História pela PUC-SP. Professora adjunta do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Email: telmabessa1@yahoo.com.br

narratives of popular. The meanings of his stories provide discussions, dialogue with theory and with other sources, such as newspapers and photographs.

KEYWORDS : History - Nature - Memory

INTRODUÇÃO

A pesquisa “Eco-história: conhecer, refletir e intervir” busca retratar narrativas de moradores sobre as memórias do espaço chamado Lagoa da Fazenda. O bairro Lagoa da Fazenda está localizado no município de Sobral, distante 235 quilômetros da capital, Fortaleza, região norte do estado do Ceará, Brasil, mais precisamente na porção noroeste do Estado.

A Lagoa da Fazenda Macaco, residência do Coronel Antônio Rodrigues Magalhães e de sua mulher Quitéria Marques de Jesus, que deram origem a cidade de Sobral, faz parte do antigo conjunto de sete lagoas que abasteciam as fazendas Caiçara e Macacos, era muito mais profunda e foi o local preferido pela população daquele tempo para deliciosos banhos.

Nesta pesquisa as vozes dos moradores são valorizadas e memórias ressignificadas com o olhar do tempo presente, contemplando revoltas, utopias, sonhos, alegrias. Momentos articulados da vida cotidiana, as lutas sociais, dando visibilidade às diferentes histórias dos moradores no sentido de explicitar as relações tensas, dinâmicas e democráticas na cidade de Sobral. Reconhecendo e dialogando com as muitas memórias que se apresentam na pesquisa, este artigo apresenta e dialoga com as vozes de jovens estudantes moradores da região. A partir dos documentos e dos relatos dos moradores da área Lagoa da Fazenda, construímos um texto que entende a memória como um campo de disputa. A memória é social! Nesse sentido, compreendemos que memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais (KHOURY, 2004:118).

O estudo “Eco-história: conhecer, refletir e intervir” surge na perspectiva de outra abordagem qual seja, inserir novos sujeitos sociais que constituem o espaço urbano da cidade de Sobral, expressando as memórias e experiências dos moradores no mosaico que compõe a memória social.

Sobral é uma cidade média e possui uma parte de seu núcleo urbano tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio

histórico nacional no ano de 1999. O registro da História local pode ser contemplado para além de prédios arquitetônicos e ser composto pelas experiências e práticas sociais de seus moradores, pois sabemos que a história é plural e o relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis.

Nesta dimensão (FREITAS 2012:22) assinala no livro “Astúcias da memória” que o ponto de partida para sua investigação é um bairro de Sobral não incluído na monumentalização do espaço urbano. Este autor nos inspira em busca daquelas narrativas que são as que contam os *pormenores, as astúcias, os acidentes de lugar, de modo e de tempo que acompanham estes atos gerais monumentalizados, além de outras histórias esquecidas e que enriquecem o estado da história local.*

A arte de escutar – a metodologia da história oral

A abordagem da pesquisa tem uso da metodologia da História oral. Diferentemente da maior parte dos documentos, dos quais se vale a pesquisa, as fontes orais não são, de fato, achados do pesquisador, mas construídas em sua presença, com a sua direta e determinante participação, o que significa que se trata de uma fonte relacional.

Desta maneira, vale ressaltar que a história oral é um trabalho de relação: relação entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista, ou seja, o diálogo; a relação entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala, ou seja, a memória; a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história; a relação entre oralidade – da fonte – e escrita – do historiador.

Na análise da memória, tomamos emprestados, entre outros, os estudos de (PORTELLI 1996:70), para quem, “[...] as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.” Este viés interpretativo reconhece que existem múltiplas visões, que há uma pluralidade de memórias e de sujeitos. Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas, que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social.

Perseguindo as memórias, vivências, percepções e valores dos moradores a partir das fontes orais, compartilhamos da compreensão de João Carlos de Souza, em

seu livro, *Na luta por habitação: a construção de novos valores*⁴, no sentido de que o pesquisador deve ter dois diálogos com esse tipo de fonte: o diálogo com o sujeito participante do movimento no momento da entrevista e depois o seu diálogo com a entrevista. Esse é o papel do historiador, ele não pode deixar de fazer esse segundo momento. Déa Fenelon e Alessandro Portelli sempre nos alertaram para esse diálogo, pois o historiador participa da produção dessa fonte – da entrevista – tem uma problemática, tem interesses, propõe um roteiro, ao mesmo tempo ele analisa essa fonte, dialoga com ela, vai problematizá-la.

Na investigação dos modos de viver e de trabalhar dos moradores, procuramos entender a pluralidade de memórias de sujeitos que se constituíram em seus espaços de trabalho, de sociabilidades e no campo do simbólico, reconhecendo-as como permeadas de valores, sentimentos e significados.

Com esta dimensão podemos revelar as múltiplas memórias sobre a vida e os modos de invenção do cotidiano de moradores desse espaço. Pretendemos também elaborar uma produção audiovisual, um documentário sobre o produto final da pesquisa, considerando que foi aprovado, em 2013, pelo Ministério da Cultura do governo brasileiro, a realização deste projeto fílmico. Além de análises a partir de narrativas, pesquisa nos jornais e fotografias, pretende-se montar um vídeo que possa refletir o diálogo entre as partes, inclusive o pesquisador interagindo com os entrevistados. Também é possível contar com passagens narrativas com locutores. Vale ressaltar que o referido estudo além de discussão teórica, desenvolve trabalho de campo e a inserção na comunidade Lagoa da Fazenda. Chamamos atividades “extramuros” e significa uma abertura da reflexão teórica constituída na universidade e que se coloque acessível aos sujeitos sociais que participam da produção deste conhecimento.

Desta forma buscamos estimular os sentidos na compreensão da história e meio ambiente, considerando os moradores, as famílias, seguindo uma nova abordagem histórica multidisciplinar, apontando para uma leitura que ultrapasse os limites formais do objeto pelo objeto, de forma descontextualizada.

Entender e dar visibilidade a pluralidade de memórias de sujeitos que constituíram o local do bairro que outrora fora uma antiga fazenda, significa entender

⁴ Dissertação para obtenção do título de mestre em História pela PUC – SP, a qual foi indicada para compor a Série HIPÓTESE, da Editora desta universidade (EDUC), como um dos melhores trabalhos do Programa de Estudos Pós-Graduados em História dos anos 93 e 94. O título original é *Cultura e Valores: Representações dos Ocupantes de Terra na Zona Leste de São Paulo*.

que no fazer-se destes moradores e das vidas estão as trajetórias destes, como trabalham, onde moram, suas opções de lazer, expressão de religiosidades, festas, cultura. Pretende-se, aqui articular perspectivas e práticas diferentes dentro do universo da temática do meio ambiente em diálogo com a História.

O que buscamos são os pontos de vista dos sujeitos sociais, onde, como, quando e por que têm se modificado a si, aos seus tempos e seus espaços. Considerar novas temáticas e outros sujeitos atentando para as pulsações que brotam da realidade. Memórias ressignificadas a partir do 'olhar de hoje' contemplando momentos de alegrias, revoltas, anseios, comemorações, utopias. Articula momentos do cotidiano, família, o ambiente em que moram, crescem e se firmam como sobralenses.

O estudo busca articular ainda comentários de estudiosos sobre a cidade de Sobral que vem mudando a sua face e as maneiras de viver da e na cidade que é plural. Reforça o diálogo interdisciplinar e os significados das narrativas proporcionam discussões, diálogo com diversas fontes de pesquisa como jornais, fotografias, canções etc.

Nesta dimensão, queremos com este estudo “Eco-história: conhecer, refletir e intervir” apresentar uma versão da história de Sobral, de uma forma não homogênea, focando o diálogo entre sujeitos sociais, em especial os moradores do bairro Lagoa da Fazenda. “É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, nos diz o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a “história dos vencidos” ou dos excluídos.

A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos moradores demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais. Como assinala (POLLAK 1992:200-212) “[...] A História tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como produtora [...] de novas interpretações”. A História está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais.

Vale lembrar o que afirma o site do XVIII Congresso da AIHO, publicado em março de 2013 “Poder e democracia: as múltiplas vozes da história oral”: *As histórias orais têm documentado transtornos sociais e políticos, movimentos de reformas e suas reações. Como uma ferramenta democrática, os registros de história oral preservam*

memórias, percepções e vozes de indivíduos e grupos em todos os níveis e em todas as atividades. Isso levanta questões sobre o que fazer com essas entrevistas e como compartilhá-los com as pessoas e comunidades que fazem esta reflexão.”

Nesta perspectiva, após uma variedade de pesquisas realizadas, há muitas histórias e narrativas de moradores ouvidas dentro da dimensão do estudo em história social. Hoje afirmamos que este estudo da cultura imaterial é necessária e inédita na região polarizada por Sobral. Assim apresenta um sentido de urgência.

Na perspectiva da história social e com a metodologia da história oral percebemos que esta abordagem social, ampliou o mapa do conhecimento histórico: incorporou temas novos, novos olhares para velhos problemas, substituiu a história factual para estudos temáticos, ampliou a noção de documento. A partir dessas nuances, Déa Fenelon em seu artigo “História Social e Cultura”, aponta que a História Social tem um papel subversivo, pois se ocupa da vida real, tem uma relação íntima com os sujeitos. Não é um modismo, e mantém relações próximas com os movimentos sociais, as práticas e experiências dos sujeitos. *É uma História que busca conviver com o indeterminado, a diversidade, a pluralidade, visto que ninguém tem o monopólio do caminho a percorrer para construir o novo.*

Em se tratando de uma interpretação significativa de múltiplas histórias, o historiador (como um investigador) em seu ofício, busca indícios, vestígios para construir suas análises, redefine fontes, recupera informações, e com o olhar de hoje, dialoga com outros autores, consigo mesmo e com os sujeitos de sua pesquisa.

De outra forma, na tentativa de contar e escrever histórias sobre esta dinâmica e alguns momentos importantes dos sujeitos sociais, procuramos perceber experiências destes, com movimentos e tensões. Importa valorizar as interpretações e significados do vivido, enfim, compartilhando com PORTELLI, 1997, que indica uma metodologia de trabalho menos preocupada com eventos do que com significados.

Vale considerar as narrativas dos sujeitos na vida cotidiana, não separadas dos processos sociais vividos, onde se destaca HOGGART, 1973, o “ir além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam, as verdadeiras raízes da vida”. Ou seja, a produção de um conhecimento histórico que “incorpore toda a experiência humana, onde todos possam se reconhecer como sujeitos sociais”, como fez notar KHOURY, 2004 no artigo “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na História”, em que chama a atenção sobre a importância dos sujeitos sociais e seus modos de viver e lutar.

O local se transformando

A primeira intervenção urbanística na lagoa da Fazenda aconteceu com a construção da Estrada da Betânia, construída pelo Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, que ligava o centro da cidade à sua casa de campo e ao Seminário Diocesano da Betânia. Apesar das precárias condições técnicas da época o Bispo realizou o seu projeto de aterramento de parte da Lagoa, utilizando cerca de cem jumentos no transporte de areia, conforme registro do próprio. A obra, iniciada a 02 de agosto de 1932, foi concluída a 17 de fevereiro de 1934. Por muitos anos, a Lagoa permaneceu sendo ponto de lazer dos habitantes de Sobral, que se beneficiavam da amena paisagem do lugar e contemplavam os perfumados aguapés

O bairro Lagoa da Fazenda então foi se modificando: durante o Governo Tasso Jereissati (1987-1990) foram iniciadas obras de recuperação, saneamento e urbanização da Lagoa, transformada em 11 de março de 1991 em Parque Ecológico pelo Decreto Nº. 21.303 e inaugurada em outubro de 1993, no Governo Ciro Gomes. O parque foi utilizado como local de diversão e esporte, com aluguel de pedalinhas para passeios pela lagoa e trilhas para caminhadas pelas suas margens, além disso, bares e restaurantes faziam parte da urbanização da lagoa, sendo o "point" da juventude na década de 1990. Hoje, seu movimento se resume aos forrós pé-de-serra promovidos nas noites de sexta-feira pela Churrascaria Lagos, que ainda reluta em não deixar o espaço morrer.

O Parque, que ocupa uma área de 19,2 hectares, possui: o Ginásio Poliesportivo Plínio Pompeu de Saboya Magalhães, administrado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, com capacidade para 2 mil pessoas, um bosque, área de lazer com restaurantes, play-ground, pista de cooper, quadra de esporte aberta e o espelho d'água, natural da Lagoa da Fazenda. Porém, mesmo com essas infra-estruturas a poluição por esgotos e os riscos ambientais, permanecem.

Os moradores demonstram interpretações diversificadas. Há estudantes como Maria Clara, que consideram este espaço um potencial para o lazer, senão vejamos a narrativa desta moradora que enfatiza em sua fala a necessidade de ter maior segurança no bairro.

Maria Clara: Eu sou aluna do Curso Tecnologia da Construção de Edifícios estou aqui para falar um pouco da Lagoa da Fazenda que faz ligação UVA, CENTEC, Centro né? A gente precisa muito aqui de melhoria aqui na nossa Lagoa, até porque é o trânsito de vários alunos, de varias cidades, então é importante que haja, uma observação especial na questão aqui da Lagoa, né? Porque é onde a gente transita e tem o maior índice de assaltos né? É importante a segurança, é importante que a Prefeitura, que as pessoas, até mesmo as autoridades vejam como pode se fazer para melhorar, até por que nós jovens, a gente tá a procura de renovação, a gente tá a procura do novo pra gente, então a segurança é importante, a segurança é importante pra nós que estamos aqui todo dia batalhando querendo algo que a gente ansiou desde a nossa juventude, então é importante que haja uma segurança aqui para nós. Então deixo aqui o meu relato, minha opinião que todos possam ir nessa causa, apostar nessa causa.

A narrativa de Maria Clara remete a maneira pela qual esta se apropriou do bairro, a partir da caminhada e do lazer com amigos. A sua opinião, seu diálogo com os demais moradores e com os responsáveis pela preservação do espaço é importante e expressa, em certa medida, sua ambiguidade em relação ao que vivencia. Reconhece a própria mudança do bairro, antes e após as reformas, sabe que muita paisagem se alterou, que a realidade era outra, que havia segurança, a população utilizava melhor os espaços. Este trecho acima apresenta um diálogo de Maria Clara com o que assimilou sobre a Lagoa da Fazenda, a partir de sua experiência e de seus pais e avós e, de certa forma, demonstra uma ambiguidade ao considerar a importância do crescimento, dos serviços, mas, ao mesmo tempo, exigindo maior segurança, políticas públicas para sua geração.

Por meio do diálogo, compreendemos que, nas entrevistas, os sujeitos sociais poderão falar de si mesmos, de sua experiência no trabalho, no bairro, falar de seus filhos, os pensamentos sobre o futuro, o mundo hoje. Pois, colocam-se frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que são, evidentemente, a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Assumir como objeto de estudo a experiência dos moradores em todas as suas dimensões implica não só trazer a luta destes e as disputas sociais para o centro da explicação histórica, mas também a recusa do viés determinista do econômico e de conceber a realidade como soma de aspectos do político, econômico, cultural ou social. A análise que se pretende fazer articula todos esses aspectos, vez que são simultâneos, não existe sujeito histórico em que essas dimensões estejam dissociadas, ele não é uma

equação matemática em que se somam elementos que não existe senão de forma articulada, na totalidade. Como afirma (FREIRE, 2006:17) “Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem – realidade.”

Ainda nesta dimensão, assumindo a opção pela perspectiva do materialismo histórico, buscamos como defende (CARDOSO 2010:38) ao discorrer sobre o leque de possibilidades que a História Social traz:

[...] Compreender como o mundo social (re)construído pelas pessoas nas suas relações sociais traz para o campo da reflexão as experiências vividas pelos diversos sujeitos, inserindo na História os que vivem à margem da cultura dominante, não como grupos isolados a quem damos voz porque excluídos, mas como homens e mulheres que reconstróem cotidianamente suas experiências nos debates diários com outros sujeitos em movimento, refazendo-se enquanto grupo ou indivíduo, reelaborando valores, reivindicando direitos, lutando por hegemonia, ou seja, refazendo-se no social.

Através dos modos de viver, e de trabalhar, dos moradores do bairro Lagoa da Fazenda procuramos realizar uma história social dos sujeitos que sobrevivem às margens da sociedade sobralense, buscando uma aproximação com seu cotidiano e com a busca pela sobrevivência dos seus, no interior de uma sociedade excludente. Procuramos também compreender as interferências dos projetos de revitalização do bairro feitos pelos órgãos públicos na vida, no cotidiano dessas pessoas comuns.

Ao enfatizar as vivências dos moradores, compreendemos que a subjetividade permeia toda a pesquisa, levando a assumir os depoimentos destes como fonte histórica. Ao lidar com a narrativa e a memória das experiências, reconhecendo-as como permeadas de valores e sentimentos, não há como o historiador abster-se da sensibilidade da fala do narrador.

A partir das narrativas dos sujeitos sociais importa considerar as subjetividades, as emoções e sentimentos destes. Não há como o pesquisador se abster desta dimensão, pois o conceito *sensibilidades* nos domínios de Clio ainda se impõe: “uma esfera primária das percepções humanas no mundo”. Tal conceito trouxe para o seio da História o estudo das subjetividades humanas, pois a História caberia estudar os homens e, portanto sua experiência. Entendemos que esta é formada tanto por seus sonhos, fantasias, angústias e esperanças quanto por seu trabalho, leis e organização social. Pois

o processo mental que codificamos é como a capacidade de criar e projetar imagens ou representações, é um lugar comum, em que todas as nossas ações antecipadamente são concebidas e, por conseguinte, efetivadas. Essa conjuntura deve ser levada em conta ao estudarmos o contexto de ação de nossos personagens, pois segundo (PESAVENTO 2005: 57)

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um redutor de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, aquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida.

Nessa medida caberia ao historiador descobrir a inteligibilidade das subjetividades, dos sentimentos e emoções circunscritos nas materialidades, que por sua vez, desempenham a função de exteriorização das experiências dos indivíduos em todo o tempo. As sensibilidades exprimem o imaginário culturalmente, e, portanto historicamente construído, que os homens utilizam para se perceberem a si mesmos e o mundo a sua volta, estabelecendo significados para a realidade e dessa forma forjando também esta.

Assim sendo, é importante valorizar as histórias de vida concretas e complexas das pessoas, permitindo o desenvolvimento de relações inteligentes e co-responsáveis, seja no plano interpessoal ou social, como aponta Mariella Zoppi, a partir de sua prática social, como assessora de Cultura da Região de Toscana/Itália e tendo em vista uma sociedade, onde existam as pluralidades dos pontos de vista das pessoas, as diferenças entre estas e onde sejam respeitadas suas histórias e suas culturas. Articula-se, portanto, em torno do estudo de concepções e abordagens em relação aos eixos temáticos da cultura, experiência social e memória.

A pluralidade das narrativas, as diversas experiências dos moradores demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais.

Esta é uma concepção alargada de memória que alguns setores têm se voltado na discussão sobre os sujeitos e suas experiências sociais, com algumas expressões significativas nas pesquisas realizadas no campo das ciências humanas. Essas

observações são importantes para a compreensão das pesquisas realizadas pelas instituições envolvidas em pesquisas interdisciplinares e que ainda tendem, a permanecer e alargar muito mais seus estudos com a diversidade dos temas como nômades, jovens urbanos e suas manifestações culturais, religiosidade, festas, etc [...] São coisas e movimentos da atualidade de natureza social/política/cultural que demandam dúvidas, questões, reflexões e construção coletiva de respostas. O desafio nas pesquisas é sempre situá-las em seu tempo, conscientes do que aponta (SARLO 1997:43),

[...] Mais do que trabalhar novos temas e abordagens, trata-se de propô-los de forma a reafirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão, entendendo que a operação histórica requer um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo, sempre colocando em causa as relações entre memória e história.

Estas reflexões seguem uma linha de preocupação em que se reafirma a necessidade de aprofundamento da dimensão crítica, operando de fato, no exercício da pesquisa e da prática social, nos quais propõe o espaço da memória social como espaço da visibilidade de sujeitos reais com suas potencialidades e subjetividades, destacando-se estudos dos modos de viver e das culturas de que nos falam as memórias.

Após uma variedade de pesquisas realizadas, há muitas histórias e narrativas de moradores da cidade de Sobral ouvidas dentro da perspectiva do estudo em história social. Para intensificar a idéia, além da pesquisa e produção de texto, a elaboração de um documentário sobre o bairro Lagoa da Fazenda vai ressaltar as experiências, práticas, artes e percepções tão significativas e vivas em suas memórias. A proposta é que o pesquisador compartilhe vivências com esses agentes culturais. As vivências serão registradas, documentadas e organizadas em arquivo para facilitar a roteirização do filme. Dessa forma o material bruto pode ter uma dupla utilidade: arquivo permanente sobre o processo de transformação do espaço urbano e as memórias dos moradores como suporte para o documentário.

Por falar das experiências partilhadas por nós e pelos moradores, é importante saber quem somos e o que sentimos. As histórias são muitas, tantas quanto forem os pontos de vista, e por isso não há aqui as melhores ou as mais significativas histórias, mas as que nos foram contadas por sujeitos que, deslocando-se de acordo com a vida atual, com a dinâmica social, vivem hoje no pequeno limbo entre as barulhentas ruas do

centro, ávido comércio e os mudos bancos e árvores das praças, o convívio familiar, além de encontros furtivos e conversas com amigos de longas datas em seus bairros.

O documentário pretende se voltar para a contemporaneidade, para o movimento social, impulsionando para a transformação do presente, com a preocupação e compromisso de atuar no tempo presente, embalados pela utopia e esperança, reafirmando o trabalho com uma historicidade retrospectiva e prospectiva, ressaltando a relação entre lembranças e acontecimentos históricos.

Autores como Antonio Augusto Arantes ajudam a pensar a idéia de que certos grupos criam, através de suas experiências urbanas, espaços na cidade e neles se reconhecem e elaboram referenciais para manutenção de suas identidades culturais. Arantes aponta que há, nas cidades, “fronteiras” que separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas, ao mesmo tempo em que as põe em contato. Para o autor, no espaço urbano:

cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.

Os moradores do bairro Lagoa da Fazenda se constituem ao longo do tempo e estão nesta pesquisa com uma história outra, não dos vencedores, dos personagens em evidência, mas uma História que considera os excluídos, os que vivem à margem como informa Edward Thompson no prefácio de sua obra *A Formação da Classe Operária Inglesa*, A preocupação está em ir além daquela história em que apenas alguns vencedores são lembrados [...] Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos.

São os moradores que expressam suas visões sobre o bairro. Eis narrativas de estudantes que chamam atenção a respeito do lugar onde moram quando indagados sobre o bairro no aspecto do lazer, da conservação:

Tatiana Rodrigues: E que vocês acham do espaço, como lazer?

Jeishon: Lazer? Não tem lazer nenhum. Esse espaço que tem é pra andar, pessoas que, como eu, andam em calçada, em casa e na rua. Mas lazer infelizmente, não.

Ana Lúcia. É uma pena, né, embora há a publicação de projetos sociais, mas nunca há uma conclusão, fica sempre na promessa,

estão perdendo uma área dessa que poderia ser um espaço de lazer. Quando eu era pequena eu vinha muito por aqui, andar de pedalinho, mas faz muito tempo, muito tempo, não.

Jheison: Quem sabe um ponto turístico de sobral, porque a gente vê, do jeito que tá mal cuidados e mal tratada, o quanto é bonito, imagine se fosse cuidado, não é? A cidade de sobral perde muito com isso.

Estes jovens sobralenses que hoje têm acesso a informações, acompanham as ações governamentais de políticas públicas relacionadas ao meio ambiente. Sim, fazem crítica aos projetos que nunca saem do papel e reivindicam espaços de lazer, como outrora havia no bairro Lagoa da Fazenda. O que se pode pensar? A deterioração das condições de vida dos moradores? Prioridade de investimentos em outros setores? Críticas da cidade ser mal tratada, descuidada [...]. As imagens que estas narrativas apontam trazem de fato, uma cidade ‘apartada’, onde o bairro em questão está ‘fora do quadrado monumentalizado’ e desta forma, necessita de melhor atenção do poder público.

Também demonstra sentimentos nostálgicos de tempos passados onde a brincadeira de criança, a lagoa, os brinquedos eram acessíveis. Hoje não existem estas possibilidades, a insegurança, o medo, a promessa não cumprida, persistem embora não permita apagar a beleza que existe no local, as imagens nas lembranças saudosas destes jovens que desde crianças freqüentam esta localidade.

Constitui-se um desafio para aquele que trabalha com a metodologia da História oral, a construção de uma análise e seu texto final, em que não se veja apenas a formalidade e frieza acadêmica, mas o percurso vivido para realizar a pesquisa, as emoções encontradas no diálogo, dentro do processo, fazendo-se avançar o texto, com um ritmo e uma forma leve, descontraída, de acordo com o que Walter Munch designou “continuidade tridimensional”, ao fazer seu trabalho com montagem de cinema.

Esta investigação não se faz conclusiva, para se compreender os modos de viver e de ser morador do bairro Lagoa da Fazenda, com pluralidade e experiências diversificadas. Torna-se fundamental a continuidade desta para se conhecer os sujeitos sociais na luta por direitos, sabendo-se que este trabalho é um desafio a ser enfrentado.

Importante é o processo de verificação da possibilidade de os moradores serem incorporados, nos estudos de uma história social e da cidade de Sobral, constituindo-se como sujeito social, na luta por seus direitos, bem como apresentação de novas perspectivas,

com relação aos novos modos de vida. Evidenciar a história social, que tem uma concepção de modo de viver e de lutar como cultura, permite que se possa chegar aos moradores, suas experiências e subjetividades.

Neste sentido não é somente a história deles, eles são sujeitos sociais que são singulares, constroem uma história que é compartilhada porque eles vivem socialmente e trazem à tona visões e experiências outras, dimensões outras.

Especificamente, foi possível compreender os modos de viver dos moradores e suas trajetórias de vida, os processos de construção não só dos modos de vida, mas também, a permanente disputa por espaços, territórios, visões de mundo e símbolos, na afirmação de serem cidadãos com direitos e sua cultura como resistência, uma visão e prática diferenciada de viver e estar na cidade.

Entende-se que tais modos de vida, a disputa por espaços e visões de mundo, causaram de certa forma, um estranhamento, mas possibilitaram um conjunto de narrativas, dentro de uma situação dialógica, entre pesquisador-narrador, que contribuíram para modificar uma concepção de apatia e homogeneidade do morador da Lagoa da Fazenda.

Conclui-se assim, por tudo que foi visto sob uma nova ótica, ou seja, a História Social com a metodologia da História oral, que o sujeito social é aquele que constrói modos de vida, e se reconstrói, (re) elaborando suas memórias e experiências, no tecido das relações sociais, num campo de conflitos e tensões; por isso deve ser reconhecido por múltiplas vozes em seu fazer-se histórico.

Referencias Bibliográficas

- ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo: Unicamp, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- BRESCIANI, Maria Stella M. Cidades: espaço e memória. In: PEREIRA CUNHA, Maria Clementina (Org.). **O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é História cultural**. trad:Sérgio Goes de Paula-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Nos caminhos da História Social: os desafios das fontes orais no trabalho do historiador. In: **História & perspectivas**, Uberlândia, v. 23,

n. 42, p. 31-47, jan/jun. 2010.

CRUZ, Heloisa de Faria et al. Introdução. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura, KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D' Água, 2006.

CUNHA, Sandra Baptista; GUERRA, José Teixeira. Orgs. **A Questão Ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2004.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. v. 8. nº 8. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1991.

DRUMMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? – ensaio temático. *Varia História*. nº 26. **Revista do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FENELON, Dea. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa, revista **Projeto História**, n. 10, EDUC, 1994.

_____. **Cidades** (org). Publicação do Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Olho d'Água, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

FREITAS, Nilson Almino de. **Astúcias da memória: imagens, narrativas de espaço e práticas cotidianas dos moradores da cidade de Sobral/CE**. Rio de Janeiro, Editora Torre, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos**. v. 1 Lisboa: Presença, 1973.

HUNT, Lynn. **A nova História cultural**. Trad: Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KHOURÍ, Yara Aun e SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Biodiversidade, Sociodiversidade e Exclusão. Entrevista com Laymert Garcia dos Santos. In **Projeto História, nº 18**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo: PUC, 1999.

KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras**

histórias. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). São Paulo: EDUC. História e Oralidade, n. 22, jun. 2001.

MALERBA, Jurandir. **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. Org: Jurandir Malerba; Carlos Aguiar Rojas-Bauru. SP: EDUSC, 2007.

MARTINS, Marcos Lobato. “**História e meio ambiente**”. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). Saberes ambientais. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MURCH. Walter. **In um batter d’occhio** – una prospettiva sulmontaggio cinematografico nell’era digitale. Lindau, Torini/Itália, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º Ed.reimp-Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social.” **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro. v. 1, n. 2, 1996

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho”. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História n. 15**, São Paulo, abril de 1997.

_____. Un lavoro di relazione: Osservazioni sulla storia orale. Roma, 2000.

SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias. São Paulo, EDUSP, 1997.

SOUZA, João Carlos de. Na luta por habitação: a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 vols, tradução de Denise Bottman.

ZOPPI, Mariella. Per una società consapevole delle differenze In: Migranti. Storie di vita. Revista dell’Istituto Ernesto de Martino. TARI, Marcello (org). Qui Noi Viviamo. Regione Toscana, Porto Franco, Itália, n. 15, novembro de 2004.

